

Roteiro para a apresentação dos slides de introdução ao curso (Revoluções Americanas)

Orientação Inicial:

- . sempre que houver texto no slide, o palestrante deve ler, ou pedir para alguém ler, antes de comentar;
- . o objetivo é contextualizar o curso com uma rápida apresentação que não deve durar mais que 30 minutos. Apresentações extensas são cansativas e tendem a gerar dispersão.
- . alguns slides serão passados rapidamente (15 segundos) a exemplo do slide 3 (Pocahontas), outros necessitam maiores explicações (1 a 2 minutos), como o slide 7 (mapas das viagens marítimas), a maioria deve ser mostrada em menos de 1 minuto.
- . o cursista não deve abordar todas as observações anotadas em cada ponto (em particular as citações, as que devem ser lidas estão no ppt); elas são uma base para o cursista elaborar sua fala (que deve ser curta), até porque muitos dos temas anunciados na introdução serão trabalhados na apostila.

1. Capa de apresentação

2. **A chegada de Cristóvão Colombo à América: 1492.** O *Homo sapiens* existe no planeta há cerca de 200 mil anos, mas os primeiros seres humanos da América apareceram há cerca de 40 mil anos. Por volta de 7000 a.C já havia povos na América que cultivavam o milho e o feijão e domesticavam animais. Na chegada dos europeus, havia dezenas de milhões de “índios”, como foi denominada a população nativa constituída por povos que falavam milhares de línguas diferentes, com diferentes modos de vida: de nômades, caçadores e coletores a civilizações tão complexas quanto a Asteca, cuja capital Tenochtitlan era uma das maiores cidades do mundo na época, com cerca de 300 mil habitantes.

3. **Pocahontas o Encontro entre dois mundos.** Como a chegada dos europeus na América é apresentada pela Disney, o encontro de culturas diferentes, e uma história de amor (romance entre John Smith, da Virgínia Company e uma das filhas do chefe Powhatan)

4. **Escravidão, massacre e extermínio do povo Indígena Americano.** A realidade da chegada dos europeus na América significou a dizimação da população indígena pelas doenças, pelos massacres com armas por eles desconhecidas, pelos trabalhos forçados aos quais foram submetidos (escravidão e servidão).

“Finalmente, a população das ilhas do Caribe deixou de pagar tributos, porque desapareceu: os indígenas foram completamente exterminados nas lavagens de ouro, na terrível tarefa de revolver as áreas auríferas com a metade do corpo mergulhada na água, ou lavrando os campos até a extenuação, com as costas dobradas sobre os pesados instrumentos de aragem trazidos da Espanha. Muitos indígenas da Ilha Dominicana antecipavam-se ao destino imposto por seus novos opressores brancos: matavam seus filhos e se suicidavam em massa.” Eduardo Galeano, *As veias abertas da América Latina*.

5. **Tráfico negreiro e escravidão.** Imagens: navio negreiro, acomodação desumana dos escravos e mercado de escravos. A realidade da chegada dos europeus na América significou o massacre, sequestro e escravidão da população negra africana.

6. **Acumulação Primitiva** (ler o texto de Marx). Para Marx as grandes navegações marítimas, o tráfico negreiro e a colonização da América fizeram parte do processo de acumulação primitiva de capital, junto a expulsão dos camponeses das suas terras na Europa, a formação do proletariado e o desenvolvimento das manufaturas.

7. **Mapa das viagens marítimas (séculos XV e XVI).** As viagens marítimas, portanto, são resultado da busca de riquezas por parte dos Estados Absolutistas em formação na Europa: a busca do novo caminho para as Índias em função do lucrativo comércio de especiarias e por metais preciosos. Os portugueses foram os primeiros a realizarem as viagens marítimas (primeiro Estado a se formar com a centralização

do poder nas mãos dos reis no final do século XIV) e em 1415 saqueavam Ceuta. Após décadas durante as quais os portugueses costeavam a África explorando suas riquezas, Colombo chegava a América financiado pela coroa espanhola, após o fim da Guerra de Reconquista (expulsão dos árabes na Península Ibérica de seu último reduto, Granada). [explorar o mapa, mostrar as viagens portuguesas e a de Colombo tentando atingir o Oriente navegando para o Ocidente].

8. **Os tratados internacionais.** Divisão do novo mundo e das rotas marítimas entre Portugal e Espanha. As datas são significativas. A Bula Intercoetera um ano após a chegada de Colombo à América é questionada por Portugal, que “puxa” a linha divisória para 370 milhas a oeste de Cabo Verde, garantindo para Portugal uma parte do território americano. Mas o acordo entre os países ibéricos não foi respeitado pelos demais estados europeus que se formavam e se lançavam na busca das riquezas do além mar. Portugal e Espanha durante os séculos XV e XVI foram as maiores potências europeias (a Espanha dominou Portugal no final do século XVI (União Ibérica: 1580-1640). Foram suplantadas pela Holanda (que antes da União Ibérica financiava os negócios portugueses), por sua vez superada pela Inglaterra e França. Se Portugal e Espanha mantiveram seus impérios coloniais até o século XVIII, início do XIX, foi porque se subordinaram a essas novas potências, respectivamente a Inglaterra (pioneira na Revolução Burguesa, abrindo caminho para a Revolução Industrial) e a França (o mais poderoso estado absolutista europeu).

9. **A chegada do Mayflower em Cape Cod em 1620.** Peregrinos (puritanos) que se estabeleceram em Plymouth. Os imigrantes vieram por causa da fome, para ter acesso à terra, por perseguição religiosa. No início da colonização, a Inglaterra enviava para a colônia sentenciados e mendigos onde seriam “servidores ajustados” (contratos de servidão que duravam de 4 a 7 anos). Havia quem se vendesse ou sua família para pagar a passagem e havia quem fosse sequestrado e enviado contra a sua vontade.

“A bordo do navio, os passageiros tomaram uma decisão notável: criar um governo próprio, formando ‘uma entidade política civil’ que faria ‘leis justas e iguais’ para o bem da colônia. Esse acordo, o Pacto do Mayflower, não tinha autoridade reconhecida pela legislação britânica, mas os oficiais do rei estavam a 5 mil quilômetros de distância – como poderiam reclamar? A nova colônia de Plymouth começou realizando reuniões anuais em que os homens livres escolhiam um governador e alguns assistentes para tratar dos assuntos de Plymouth. A ideia de que as pessoas pudessem eleger representantes para governar a si mesmas se tornaria central para os fundadores dos EUA” James West Davidson, *Uma Breve História dos Estados Unidos*.

10. **O primeiro contato com os índios.** Amistoso, enquanto o contato não significou tomar a terra dos nativos. As doenças, como o sarampo, que dizimavam os nativos, muitas vezes eram introduzidas propositalmente através de oferendas contaminadas. Os nativos reagiram à tomada de suas terras. Em 1622 atacaram Jamestown e mataram 350 colonos em Virgínia. A resistência não conseguiu deter os colonos armados. As tribos foram sendo empurradas para o interior. Acordos com o governo eram feitos e sistematicamente desrespeitados.

11. **Citação Jonas Michaëlius.** Visão preconceituosa dos europeus sobre a população nativa. Fazer a leitura.

12. **Nativos Americanos.** Fotos de Edward S. Curtis que entre o final do século XIX e início do século XX atravessou os territórios dos Estados Unidos e do Canadá para conhecer e registrar as populações indígenas norte-americanas.

Foto 1: **Patrulha armada dos sioux.** Os cavalos selvagens norte-americanos estavam extintos há milênios. Foram reintroduzidos pelos espanhóis sediados no México. Foi em 1600 quando uma pequena manada de cavalos fugiu de um forte espanhol. Soltos na natureza, os animais retornaram à vida selvagem nas planícies norte-americanas, dando origem à raça mustang. Ao redor do ano 1700, os indígenas aprenderam a aprisioná-los e a domesticá-los.

Foto 2: **Aldeia Piegan.** As tendas eram as moradas típicas dos indígenas das planícies.

Foto 3: **Navajo idoso.** Quando percebiam que tinham se tornado um peso para o resto da tribo, os idosos decidiam abandonar sozinhos o grupo e se retiravam na imensidão da planície ou nas florestas para morrer.

Foto 4: **Uma jovem da tribo Mohave**

Foto 5: **Membro do conselho de anciões da tribo Teton Sioux**

Quando os europeus chegaram à América do Norte, existiam cerca de 20 milhões de índios no território. Em tempo relativamente breve eles foram reduzidos a 2 milhões. Foi um genocídio.

13. **Os gêneros tradicionais dos indígenas norte-americanos vão além do masculino e feminino.**

Antes de serem atacados por europeus, grupos que viviam na América do Norte não adotavam dois, mas entre três e cinco gêneros bem definidos. A cultura Navajo, localizada próxima à fronteira com o México, concebia, por exemplo, quatro categorias de gênero: Mulher, Mulher masculina, Homem masculino, Homem feminino. Uma lenda Siouan, povo tradicional que se distribuía originalmente pelo centro dos Estados Unidos, afirma que antes de uma criança nascer, essa escolhe entre duas ofertas do criador: arcos e flechas - correspondentes ao papel masculino — ou um cesto — correspondente ao feminino. O criador pode, no entanto, trocar o objeto de mãos no meio da escolha, impactando na identidade da criança. Entre os Dakota, originários do centro-norte dos Estados Unidos, usa-se tradicionalmente o termo Winté para determinar alguém do sexo masculino que se comporta como mulher. Para os Ojibwe, povo que se distribuía originalmente ao redor da região dos Grandes Lagos, sudoeste do Canadá, o termo é Hemaneh (metade homem, metade mulher). Ao invés de isolar, os grupos indígenas acolhiam essas identidades de gênero. Em muitos dos grupos, pais não buscavam interferir na identidade das crianças, que usavam roupas neutras — não identificadas com o gênero masculino ou feminino — até que formassem sua identidade. Era comum que pessoas que escapavam da ideia binária de gênero fossem reverenciadas. Suas famílias eram consideradas sortudas. Indivíduos do sexo masculino que se identificavam com o gênero feminino podiam exercer os papéis de xamãs, visionárias, portadores da cultura oral, artesãs, artistas e enfermeiras durante guerras. Pessoas nascidas com o sexo feminino, mas identificadas com o gênero masculino podiam exercer o papel de caçadores e guerreiros. Entre membros do povo Dakota, era altamente ofensivo pedir que uma pessoa agisse de acordo com o gênero com o qual não se identificava. A opressão aos indígenas que não se encaixavam nas ideias europeias de gênero ocorreu assim que o contato com os europeus teve início. Membros do governo ou de instituições religiosas obrigavam esses indígenas a se adaptarem a papéis padronizados de gênero. Casamentos entre pessoas do mesmo gênero biológico foram desfeitos e muitos indígenas cometeram suicídio.

14. **Citação Relato do capitão Jhon Mason (expedição de seus soldados contra os índios).** Fazer a Leitura

“Buscavam por todos os lados bons terrenos, e quando encontravam um, imediatamente e sem cerimônia se apossavam dele; nós estávamos atônitos, mas, ainda assim, nós permitimos que continuassem, achando que não valia a pena guerrear por um pouco de terra. Mas quando chegaram a nossos terrenos favoritos – aqueles que estavam mais próximos das zonas de pesca – então aconteceram guerras sangrentas. Estaríamos contentes em compartilhar as terras uns com os outros, mas esses homens brancos nos invadiram tão rapidamente que perderíamos tudo se não os enfrentássemos (...)” declaração de um índio, citada por Leandro Karnal (org), *História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI*.

15. **As trezes colônias** (mapa). No século XVII a Inglaterra vivia uma conjuntura favorável à colonização. O comércio havia dado origem a uma burguesia enriquecida e dotado o país de uma grande frota. Do ponto de vista social, havia nas cidades inglesas uma grande massa de homens pobres, resultado do êxodo rural, provocado pelos cercamentos, havia também uma camada de origem burguesa que, porém, sofria com as perseguições religiosas. Parte desses dois grupos migraram para as colônias. O início da colonização da América do Norte pelos ingleses deu-se a partir da concessão real a duas empresas privadas: A Companhia de Londres, que passou a monopolizar a colonização das regiões mais ao norte, e a Companhia de Plymouth, que recebeu o monopólio dos territórios mais ao sul. A colonização foi realizada a partir da atuação da iniciativa privada, porém subordinadas as leis do Estado. A primeira colônia inglesa foi a Virgínia, que nasceu a partir da fundação da cidade de Jamestown, mas a efetiva ocupação e desenvolvimento da região levaria algumas décadas, também em virtude da resistência indígena. As 13 colônias eram independentes entre si, estando cada uma delas subordinada diretamente à metrópole. Porém, como a colonização ocorreu a partir da iniciativa privada, desenvolveu-se um elevado grau de autonomia político-administrativa, caracterizada principalmente pela ideia do autogoverno. Cada colônia possuía um governador, nomeado, e que representava os interesses da metrópole, porém existia ainda um Conselho, formado pelos homens mais ricos que assessorava o governador e uma Assembleia Legislativa eleita, variando o critério de participação em cada colônia, responsável pela elaboração das leis locais e pela definição dos impostos. Apesar dos governadores representarem os interesses da

metrópole, a organização colonial tendeu a aumentar constantemente sua influência, reforçando a ideia de "direitos próprios".

“O país que é hoje os Estados Unidos começou nessa faixa de terra situada entre a Nova Escócia e a Flórida, na costa leste, de frente para a Europa. Foi aqui que foi fundada Jamestown em 1607 e Plymouth em 1620. Por volta de 1760 os locais colonizados pontilhavam toda a faixa, em alguns lugares muito separados, em outros agrupados. Nesse tempo, cerca de 150 anos depois de Jamestown ter sido fundada, havia mais que um milhão e meio de habitantes (...). Se olharmos para um mapa em relevo, veremos que a faixa de terra foi dividida em três partes, as colônias do sul, do meio, e as da Nova Inglaterra. Esta divisão se fez porque o povo dessas diversas regiões encontrou condições geográficas que o forçou a desempenhar um certo tipo de trabalho, e que, de certa forma, moldou o tipo de homens que eles vieram a ser. A geografia forçou a colonização da Virgínia, Maryland, Carolinas do Sul e do Norte e a Geórgia a se desenvolver do mesmo modo, (...); do mesmo modo, Nova York, Pensilvânia, Nova Jersey e Delaware são consideradas colônias centrais; Connecticut, Rhode Island, Novo Hampshire e Massachusetts são consideradas colônias da nova Inglaterra.” Leo Huberman, *História da Riqueza dos EUA (Nós o Povo)*.

16. **Colônias de povoamento.** A região norte das 13 colônias foi denominada Nova Inglaterra. A fixação do colonizador foi facilitada pelas condições climáticas muito semelhantes às da Inglaterra. No entanto, foi determinante o tipo de sociedade e de interesses existentes. Na região centro norte a colonização foi efetuada por um grupo caracterizado por homens que pretendiam permanecer na colônia, sendo alguns burgueses com capitais para investir, outros trabalhadores braçais, livres, caracterizando elementos do modelo capitalista, onde havia a preocupação do sustento da própria colônia, uma vez que havia grande dificuldade em comprar os produtos provenientes da Inglaterra. Do ponto de vista da produção, a economia caracterizou-se pelo predomínio da pequena propriedade policultora, voltada aos interesses dos próprios colonos, utilizando-se o trabalho livre, assalariado ou a servidão temporária. A agricultura intensiva, a criação de gado e o comércio de peles, madeira, e peixe salgado, foram as principais atividades econômicas, sendo que se desenvolveu ainda uma incipiente indústria de utensílios agrícolas e de armas. As Colônias do Centro foram as últimas a surgirem, após a Restauração da Monarquia inglesa em 1660. A ocupação da região ocorreu principalmente por refugiados religiosos e foi onde o pensamento liberal rapidamente enraizou-se. Nova Iorque, Pensilvânia, Nova Jersey e Delaware desenvolveram tanto a agricultura em pequenas propriedades como a criação de animais, com uma produção diversificada e estrutura semelhante à da Nova Inglaterra. Nessa região foi desenvolvida a agricultura de subsistência e o trabalho de mão-de-obra livre. Começam a surgir as primeiras cidades da costa leste: Nova York, Filadélfia e Boston.

17. **De exploração** (imagens de plantações de tabaco e algodão) Ao contrário das colônias do Norte, as áreas exploradas na região sul da costa leste desenvolveram o sistema de exploração (plantation), semelhante ao que foi implementado pela coroa portuguesa no Brasil. Nessa região o clima era subtropical, o que favoreceu a implantação da monocultura de produtos como arroz, algodão e tabaco. No Sul também foi difundida a exploração da mão-de-obra escrava negra africana. Praticamente toda a produção do Sul era voltada para a exportação, enquanto o norte concentrava-se no mercado interno. Nessas colônias desenvolveu-se a estrutura tradicional de produção, caracterizada pelo latifúndio monocultor, voltado para a exportação segundo os interesses da metrópole, utilizando o trabalho escravo africano.

“Em 1730, os africanos e seus filhos superavam em número os colonos brancos na Carolina do Sul, na proporção de dois para um. As colônias do sul eram as que tinham mais escravos, mas em 1740 um em cada quatro homens trabalhando na cidade de Nova York era afro-americano. Os mercadores da Nova Inglaterra lucraram muito com o comércio de escravos.” James West Davidson, *Uma Breve História dos Estados Unidos*.

Se as diferenças entre o Norte/Centro Sul não impediram uma unidade das colônias na luta contra a metrópole na Guerra de Independência (primeira revolução americana), explodirão após a independência na Guerra Civil (segunda revolução americana). Para além da questão fundamental, da mão de obra escrava (que abordaremos posteriormente com mais profundidade), estabeleceu-se uma dependência econômica. Em 1857, Hilton R Hellper tentava mostrar aos sulistas que o fato de comprarem tudo do norte estava deixando os sulistas pobres e os nortistas ricos: (...) *“Queremos bíblias, vassouras, baldes e livros, e nos dirigimos ao norte; queremos penas, tinta, papel, biscoitos e envelopes, e nos dirigimos para*

o norte; queremos sapatos, chapéus, lenços, guarda-chuvas e canivetes, vamos para o norte; queremos mobília, louça cristais e pianos, vamos para o norte; queremos brinquedos, cartilhas, livros escolares, modas, máquinas, remédios, lages para túmulos, e mil outras coisas, e aí nos dirigimos para o norte.”

Citado por Leo Huberman, *História da Riqueza dos EUA (Nós o Povo)*

18. **Comércio Triangular das 13 colônias** (mapa) Em várias cidades litorâneas o comércio externo se desenvolveu, integrando-se às Antilhas, onde era obtido o rum, trocado posteriormente na África por escravos, que por sua vez eram vendidos nas colônias do sul (o comércio também estimulou a construção de embarcações nas colônias do norte). Assim nasceu o “Comércio Triangular”, responsável pela formação de uma burguesia colonial e pela acumulação capitalista.

“os habitantes da Nova Inglaterra não dependiam da terra natal para conseguir seus barcos. Tudo que era necessário para a construção de navios estava ali à mão, e a costa com suas muitas baías e portos logo começou a ficar pontilhada de estaleiros que levantavam esplêndidas embarcações (...) Logo o Atlântico ficou coberto de embarcações pertencentes a esses ianques empreendedores, que farejavam o comércio em qualquer lugar, e sempre estavam presentes a fim de tomar parte no negócio. Carregavam mastros, piche, alcatrão e cânhamo para a Inglaterra. Quando não tinham os porões carregados com o seu próprio peixe e madeira, estavam carregando fumo vindo do sul o trigo vindo da Pensilvânia, ou açúcar das Índias Orientais. (...) O comércio com as Antilhas era muito importante para as colônias, especialmente para as que ficavam ao norte de Maryland. Naquelas ilhas tropicais havia grandes fazendas dedicadas exclusivamente à produção de culturas básicas como açúcar e melado. Os homens da Nova Inglaterra não demoraram a descobrir que essas ilhas comprariam tudo que os europeus não quisessem. Aí também estava a oportunidade de obter mercadorias para ajudar a pagar os objetos manufaturados que as colônias estavam sempre comprando da Inglaterra. Levar seu próprio peixe, madeira, grãos, cavalos (criados especialmente para as Índias Ocidentais) para as ilhas; trocar tudo isso com açúcar, melado, índigo, e levar o índigo para a Inglaterra e para o resto da Europa. Era a espécie de negócio que os naturais da Nova Inglaterra andavam procurando.” Leo Huberman, *História da Riqueza dos EUA (Nós o Povo)*

19. **A Guerra dos Sete Anos** (imagens, Congresso de Albany e George Washington).

A **Guerra dos Sete Anos** foi um dos principais conflitos militares ocorridos no século XVIII, assumindo caráter mundial. Esta guerra envolveu vários reinos europeus entre os anos de 1756 e 1763, sendo que os conflitos também se estenderam para os territórios coloniais na África, Ásia e América do Norte. O conflito se estabeleceu entre monarquias que se agruparam em torno do reino francês, contra as que se agruparam em torno da Grã-Bretanha. Para além das disputas na Europa envolvendo o fortalecimento da Prússia, aliada da Grã-Bretanha e a França de Luis XV, os conflitos ocorreram pelas disputas pela supremacia colonial (domínio marítimo e comercial), envolvendo territórios na África, Ásia e América. A fase norte-americana foi denominada Guerra Franco-Indígena e participaram a Inglaterra e suas colônias norte-americanas contra a França. A fase asiática iniciou o domínio britânico nas Índias. Os reinos da Grã-Bretanha e da Prússia saíram vencedores da Guerra dos Sete Anos, derrotando o bloco em torno do reino francês. O Tratado de Paris, assinado em 10 de fevereiro de 1763, colocou fim à guerra e junto a outros tratados pós-guerra redefiniram o controle de várias áreas na Europa e nos territórios coloniais.

No **Congresso de Albany**, primeira reunião de representantes das 13 Colônias, Benjamin Franklin sugeriu o Plano da União das Colônias para expulsar os franceses. Entretanto, a ideia foi rejeitada tanto pelas legislaturas coloniais impostas por Jorge II da Inglaterra, quanto pelas próprias colônias (que viviam, então, isoladas umas das outras).

George Washington nasceu na Colônia da Virgínia, numa abastada família, proprietária de plantações de cânhamo e de muitos escravos. Washington ascendeu rapidamente a oficial superior nas forças coloniais durante as primeiras fases da Guerra Franco-Indígena. Escolhido pelo Segundo Congresso Continental, em 1775, para o posto de comandante-em-chefe do Exército Continental na Guerra da Independência. Tornou-se o primeiro presidente após a independência.

A participação indígena no conflito: A Guerra Franco-Indígena contava com aliados nativos para os britânicos e para os franceses. Na ocasião, os iroqueses lutaram com os britânicos para combater algonquinos e horões que estavam ao lado dos franceses.

20. **Fim da Guerra dos Sete anos** (fim da “negligência salutar”)

A ocupação do espaço colonial inglês aconteceu por meio da ação particular de britânicos que fugiam das perseguições religiosas que tomavam conta de sua terra natal. Ao mesmo tempo, a Inglaterra se mantinha ocupada por uma série de conflitos que influenciaram diretamente na ausência de ações que pudessem firmar um nítido pacto colonial com a população que ocupava as terras da Costa Leste da América do Norte. O desfrute de todas essas liberdades marcou a instalação do que convencionou-se chamar de “negligência salutar”. O termo designa não só a falta de controle dos ingleses, bem como assinala as vantagens políticas e econômicas que os colonos norte-americanos alcançaram na medida em que decidiam, de maneira autônoma, a condução de suas instituições. A falta de interferência da Coroa Inglesa nas colônias acarretou o desenvolvimento lento e gradual de um verdadeiro mercado interno. As colônias passaram, inclusive, a comercializar para outros países. porém, a partir da segunda metade do século XVIII, a Inglaterra passou por uma crise financeira e várias mudanças de ordem política e econômica. Essa crise foi estabelecida em consequência da Guerra dos Sete Anos, guerra entre a Inglaterra e a França pela disputa de territórios na América do Norte. Assim, a Coroa Inglesa decidiu quebrar a relativa autonomia das colônias inglesas, adquirida ao longo dos anos, através da cobrança de taxas, tributos e da imposição de novas leis. As 13 colônias não aceitaram a intervenção inglesa na estrutura organizada que já possuíam e, nesse contexto, surgiram os primeiros sentimentos de insatisfação, que resultariam na independência.

21. **Filhos da Liberdade.** Após 1765 as grandes cidades americanas viram a formação de grupos secretos a exemplo do "*Boston Caucus Club*", liderado por Samuel Adams. Diferentes grupos foram absorvidos por uma organização maior, os Filhos da Liberdade, cujo nome veio de um discurso no Parlamento britânico pelo coronel Isaac Barré referindo-se aos colonos como "*sons of liberty*". Provavelmente, o nome era uma metáfora para qualquer um que resistisse aos novos impostos da Coroa, suas leis e seus atos. Um nome unificador ajudou a promover esforços inter-coloniais contra o Parlamento e as ações da coroa. Seu lema era "nenhuma tributação sem representação" (representação no parlamento local). Grupos que se identificaram como Filhos da Liberdade existiram em quase todas as colônias. Em agosto de 1765 foi comemorado a fundação do grupo em Boston. Em 6 de novembro, uma Comissão foi criada em Nova York para corresponder-se com outras colônias. Em dezembro formou-se uma aliança entre grupos de Nova York e Connecticut espalhando-se pelas demais colônias. Os líderes dos Filhos da Liberdade surgiram principalmente a partir da classe média, artesãos, comerciantes, advogados e políticos locais. No entanto, havia membros dos filhos da liberdade que tinham poder e influência, como Benjamin Edes, um editor e John Gill da *Boston Gazette* que produziram um fluxo constante de notícias. A princípio, o objetivo inicial era garantir os direitos dos colonos como “ingleses”. Durante a crise do ato do selo, os Filhos da Liberdade mantiveram lealdade ao rei na expectativa de que o Parlamento pudesse iorevogar o imposto. A presença generalizada dos Filhos da Liberdade permitiu uma ação decisiva contra o ato de Townshend em 1768. Os grupos impuseram um boicote eficaz contra a importação e venda de mercadorias britânicas. Embora as classes populares concordassem com as ideias dos Filhos da Liberdade, queriam mais ação e partiram para os atos de violência. Depredaram e destruíram propriedades e agrediram agentes aduaneiros e outras autoridades britânicas. Principais líderes: Samuel Adams (escritor político, Boston); Benedict Arnold (negociante, Norwich); Benjamin Edes (jornalista/editor da *Boston Gazette*, Boston); John Hancock (mercador/contrabandista, Boston); Patrick Henry (advogado, Virginia); John Lamb (negociante, New York City); William Mackay (mercador, Boston); Alexander McDougall capitão corsário, New York; James Otis, Jr. (advogado, Massachusetts); Paul Revere (ourives, Boston); Benjamin Rush (físico, Philadelphia); Isaac Sears (capitão corsário, New York); Haym Solomon (agente financeiro, New York and Philadelphia); Charles Thomson (professor/secretário, Kentucky); Joseph Warren (médico/soldado, Boston); Thomas Young (médico, Boston); Marinus Willett (marceneiro/soldado, New York); Oliver Wolcott (advogado, Connecticut).

“a maioria dos ricos comerciantes que tinham iniciado a revolta começaram a se sentir arrependidos com o rumo que as coisas estavam tomando. A Inglaterra aprovara leis que tinham prejudicado os seus negócios. Haviam tentado revogar essas leis. Haviam instigado o povo a fim de obter o que queriam. Mas as classes inferiores – a massa – estava indo longe demais. Desrespeitar leis que não eram bem recebidas era uma coisa, mas destruir casas e por fogo nos navios era outra. Os proprietários ricos estavam alarmados com a facilidade com que a multidão estava destruindo propriedades. Estes pequenos

fazendeiros, mecânicos, pessoas que não tinham voto nem propriedades em terras, que estavam gritando mais alto que todos e lutando com mais ferocidade pelos “direitos do homem” eram os que tinham menos voz ativa na administração de seu país. Muitos comerciantes viram que haveria muito mais perigo se a massa ficasse no poder, que se continuassem as Leis do Parlamento. O governador Morris expressou os sentimentos dos ricos ao escrever: ‘Os cabeças do povo tornam-se perigosos para os ricos, e a questão é como fazê-los parar’.” Leo Huberman, *História da Riqueza dos EUA (Nós o Povo)*

22. **Samuel Adams.** Nascido em Boston em 1722 é considerado um dos “pais fundadores” dos EUA. Foi governador de Massachusetts e primo de John Adams, segundo presidente dos Estados Unidos. Organizador dos Filhos da Liberdade de Boston, Adams concebeu o Comitê de Correspondência de Boston e coordenou a resistência de Boston à Lei do Chá, que chegou ao clímax no famoso Tea Party. Ele representou Massachusetts no Congresso Continental de 1774 a 1781, e foi eleito para a convenção de Massachusetts sobre a ratificação da Constituição em 1787. Depois de servir como tenente de John Hancock de 1789 a 1793, Adams assumiu como governador antes de se aposentar em 1797.

23. **Massacre de Boston**

Em Boston, em Março de 1770, 5 pessoas foram mortas pelos soldados britânicos, depois de uma luta que começara quando foram atiradas algumas bolas de neve. Embora mais tarde os soldados fossem julgados e considerados inocentes. Os líderes da revolta mandaram imprimir folhetos sobre o ‘Massacre de Boston’.

24. **A festa do chá em Boston .**

“A nova Lei do Chá (...) dava à Companhia da Índia Oriental o direito de enviar o chá em seus próprios navios, abrir seus próprios depósitos nas Américas e vender diretamente ao lojista americano (...) Seria mais barato não somente do que o chá sobre o qual os comerciantes americanos pagavam impostos, mas até mesmo que o chá contrabandeado. O plano do Parlamento era ajudar a Cia da Índia Oriental a vender seus 17 milhões de libras de chá, e isso daria chá mais barato aos colonizadores. Tudo muito bem, mas – excluía o comerciante americano que logo iria ficar fora do negócio do chá. (...) Havia um meio de contornar a situação, que foi o que os comerciantes adotaram. Uniram-se novamente com os radicais, os que não queriam nada com a Inglaterra. Agora, Samuel Adams tinha a oportunidade que procurava. (...) Em Boston, em Novembro de 1773, 3 navios da cia chegaram até à baía. Os radicais não queriam deixar o chá ser desembarcado. O governador Hutchinson não queria que os navios voltassem sem descarregar. Na noite de 16 de Dezembro de 1773, um grupo de homens pulou para dentro dos navios, arrombou os caixotes, e despejou o chá no mar. Este ‘chá em Boston’ custou a Cia da Índia 75000 dólares. Os Filhos da liberdade tiveram ação direta para impor a sua oposição ao Ato do Chá quando ocorreu a Festa do Chá de Boston. Membros do grupo, vestindo disfarces de índios americanos, derramaram várias toneladas de chá no porto de Boston, em protesto contra a lei do chá.” Leo Huberman, *História da Riqueza dos EUA (Nós o Povo)*

25. **Mulheres patriotas organizam boicotes a produtos ingleses** e incentivam a produção caseira. Na ilustração as damas da Sociedade de Senhoras Patriotas de Edenton, Carolina do Norte, jurando não tomar mais chá até a libertação e defendendo a participação feminina na vida política americana.

26. **Thomas Paine: Bom Senso.** Thomas Paine foi um ativista político americano nascido na Inglaterra, filósofo, teórico político e revolucionário. Um dos pais fundadores dos Estados Unidos, ele escreveu os panfletos mais influentes no início da Revolução Americana e inspirou os rebeldes em 1776 a declararem sua independência da Grã-Bretanha. Suas ideias refletiam a retórica da era iluminista dos direitos humanos. Paine migrou para as colônias britânicas americanas em 1774 com a ajuda de Benjamin Franklin, chegando a tempo de participar da Revolução Americana. Praticamente todos os rebeldes leram (ou ouviram uma leitura de) seu poderoso panfleto *Senso Comum (Bom Senso)* que cristalizou a rebelde exigência de independência da Grã-Bretanha. Paine viveu na França durante a maior parte da década de 1790, envolvendo-se profundamente na Revolução Francesa. Ele escreveu *Direitos do Homem* (1791), em parte uma defesa da Revolução Francesa contra seus críticos. Seus ataques ao escritor conservador irlandês Edmund Burke levaram a um julgamento e condenação à *revelia* na Inglaterra em 1792 pelo crime de difamação sediciosa. O trabalho de Paine, que defendia o direito do povo de derrubar seu governo, foi devidamente visado, com um mandado de prisão no início de 1792. Paine fugiu para a França em setembro, onde apesar de não poder falar francês, ele foi eleito para a Convenção Nacional Francesa (Os girondinos o consideravam um aliado). Consequentemente,

os Montagnards , especialmente Maximilien Robespierre , consideravam-no um inimigo. Em dezembro de 1793, ele foi preso e levado para a prisão de Luxemburgo em Paris. Enquanto estava na prisão, ele continuou a trabalhar em *The Age of Reason* (1793–1794). O futuro presidente James Monroe usou suas conexões diplomáticas para conseguir que Paine fosse libertado em novembro de 1794. Ele se tornou notório por causa de seus panfletos *A Era da Razão* , na qual ele defendia o deísmo , promovia a razão e o pensamento livre e argumentava contra a religião institucionalizada em geral e a doutrina cristã em especial. Publicou também o panfleto *Justiça Agrária* (1797), discutindo as origens da propriedade e introduziu o conceito de renda mínima garantida. Em 1802, ele retornou aos EUA, onde morreu em 8 de junho de 1809. Apenas seis pessoas compareceram ao seu funeral, pois ele havia sido condenado ao ostracismo por sua ridicularização do cristianismo.

27. **Citação: Thomas Paine.** Fazer a leitura

Batalha de Lexington-Concórdia. *“Em 5 de Setembro de 1774, o Primeiro Congresso Continental se reuniu em Filadélfia. (...) finalmente, depois de 52 dias de discussão os radicais venceram. Ficou decidido tudo sobre a “Associação Continental”. Os colonizadores iriam tentar a não-importação de novo, e também a não-exportação. As comissões iriam cuidar para que ninguém rompesse o acordo. Outra reunião iria ser realizada no ano seguinte. (...) Em 19 de Abril de 1775 o general Gage enviou um corpo de soldados britânicos para apreender algumas provisões militares dos colonizadores, em Concórdia. Paul Revere e Rufus Dawes varreram o interior, espalhando as notícias. Quando as tropas alcançaram Lexington, na estrada que levava a Concórdia, foram detidos por um pequeno grupo de colonizadores. Foi disparado um tiro e a guerra começou. (...) O segundo Congresso continental reuniu-se em Filadélfia em 10 de Maio de 1775, menos de um mês depois da batalha de Lexington. George Washington foi nomeado comandante do Exército Continental. Antes que tivesse tempo de chegar até seu exército tinham sido travadas outras batalhas entre os colonizadores americanos e os soldados britânicos”* Leo Huberman, *História da Riqueza dos EUA (Nós o Povo)*. O Exército Continental era constituído por milícias (povo armado).

28. **Declaração de Independência.** O Congresso Continental das colônias britânicas na América do Norte aprovou a declaração no Salão da Independência, na Filadélfia, em 4 de julho de 1776. O documento proclamou que as treze colônias originais dos EUA eram “estados livres e independentes”. Na época em que teve início a Guerra de Independência contra a Grã-Bretanha, em abril de 1775, os habitantes das colônias americanas, em sua maioria, não buscavam a independência. Eles simplesmente queriam que o governo britânico desse atenção a suas queixas. Mas, com o decorrer da guerra, muitos se tornaram favoráveis à ideia de se libertar do domínio britânico. Em 7 de junho, Richard Henry Lee, da Virgínia, pediu ao Congresso Continental que estudasse a possibilidade de declarar a independência em relação à Grã-Bretanha. O Congresso nomeou um comitê de cinco pessoas para redigir a declaração formal. O primeiro rascunho do texto foi escrito por Thomas Jefferson. Algumas modificações foram sugeridas pelos outros membros do comitê: John Adams, Benjamin Franklin, Roger Sherman e Robert R. Livingston. Em 2 de julho de 1776, o Congresso aceitou a ideia da independência. Em 4 de julho, a Declaração de Independência foi aceita pelos representantes de doze estados. A delegação de Nova York apoiou-a onze dias mais tarde. A declaração foi publicada primeiramente em jornais e lida em voz alta para multidões reunidas em cidades de todas as colônias. Membros do Congresso assinaram o documento oficial, escrito em pergaminho, em 2 de agosto.

29. **A Batalha de Saratoga.**

A Batalha de Saratoga (1777) foi o confronto que decidiu o destino do exército do General britânico John Burgoyne durante a Guerra Revolucionária Americana e também é reconhecida como o momento em que o conflito começou a virar em favor dos Estados Unidos. As duas grandes batalhas foram travadas com oito dias de diferença no mesmo terreno, a 14 km de Saratoga, Nova Iorque. Burgoyne foi forçado a se retirar e suas forças acabaram se rendendo a um exército americano numericamente bem superior em Saratoga, o que o levou também a se render, formalmente, em 17 de outubro. A notícia da rendição de Burgoyne acabou por convencer em definitivo o governo da França a se aliar na guerra aos americanos. Essa batalha também atraiu a Espanha para a causa americana.

Benjamin Franklin, o mais jovem de dezessete filhos, trabalhou na gráfica do irmão onde entrou em contato com as ideias iluministas. Abriu uma gráfica na Filadélfia, onde ajudou a criar uma biblioteca, um

hospital com atendimento gratuito para os pobres, um corpo de bombeiros voluntário e o serviço de correios. Atuou junto aos franceses para ganhar apoio para a causa americana.

30. **A Batalha de Yorktow.** Ocorreu em 1781. Nessa batalha, forças rebeldes dos Estados Unidos foram apoiadas pelos franceses. Seus principais comandantes foram George Washington e Marquês de La Fayette, pelos americanos, e Lorde Cornwallis dos ingleses. Em 1780, as primeiras forças francesas desembarcaram nos Estados Unidos para apoiar as 13 colônias em sua rebelião contra o domínio britânico. Em agosto, uma força de 3 mil americanos, liderados por George Washington, e 4 mil franceses marcharam para a Virgínia. O general francês François Joseph Paul de Grasse trouxe mais tropas por navio para a região, sendo que durante o trajeto sua frota sobrepunha navios britânicos que vieram para barrar seu caminho. Um mês depois, as forças franco-americanas (que tinham o dobro do tamanho da britânica) cercaram a fortaleza inglesa em Yorktown. O principal forte britânico em Yorktown onde Cornwallis, então comandante-em-chefe do exército inglês na América do Norte, estava entrincheirado, começou a ser bombardeado em 28 de setembro, por mar e por terra. Os aliados então investiram três vezes contra as forças britânicas, com pouco sucesso. Contudo, a situação dos ingleses começou a se deteriorar enquanto as baixas acumulavam e as provisões se tornavam escassas. Em 14 de outubro, o general Washington atacou as linhas do inimigo, enfraquecendo-as. No dia 17 do mesmo mês, os militares britânicos citiados em Yorktown propuseram termos para a rendição. Dois dias depois, Cornwallis e seus oficiais formalmente entregaram suas espadas e renderam suas forças. A rendição inglesa em Yorktown marcou o fim da resistência armada britânica à independência dos Estados Unidos.

31. **Destino Manifesto.** A pintura é uma representação alegórica do Destino Manifesto. Na cena, uma mulher angelical, algumas vezes identificada como Colúmbia, (uma personificação dos Estados Unidos do século XIX) carregando a luz da "civilização" juntamente a colonizadores estadunidenses, prendendo cabos de telégrafo por onde passa. Há também índios americanos e animais selvagens do oeste sendo afugentados pela personagem. Marcada pela violência e pelas guerras, a expansão dos Estados Unidos até o extremo oeste recebeu uma significativa justificação ideológica, a doutrina do Destino Manifesto, que colocou os colonos norte-americanos como divinamente destinados a promover a conquista dessas novas terras. A ambição e o interesse econômico ganharam um arreatador apelo religioso que legitimava os conflitos e massacres que marcaram esse episódio na história norte-americana.

32. **Expansão Territorial.** Entende-se como a expansão territorial dos EUA aquele período que se estende praticamente durante todo o século XIX, onde o país aumenta de modo extraordinário as suas fronteiras, chegando ao fim do mesmo período com praticamente as dimensões continentais que hoje possui. Inicialmente constituído por treze estados alinhados ao longo da costa leste da América do Norte, a jovem nação constituía um pequeno país, estendendo-se do Maine à Flórida e horizontalmente entre a costa do Atlântico e o rio Mississippi. A expansão territorial se deu basicamente de quatro formas:

Compra de territórios - foi por este formato de expansão territorial que se deu os primeiros importantes avanços na linha fronteira norte-americana, com a compra da Luisiana à França de Napoleão Bonaparte em 1804 e a compra da Flórida em 1819 aos espanhóis. Importante lembrar que os 15 milhões de dólares gastos pelos EUA na compra do território denominado Luisiana à época fazia referência a uma faixa territorial muito maior que o atual estado da Luisiana, que se estendia do Golfo do México às fronteiras com o Canadá britânico.

Diplomacia - é exemplo deste formato de expansão a anexação do Óregon aos ingleses, em 1846, a partir de compensações de natureza diversas pelo direito de soberania ao território.

Guerra - nesta categoria, o México foi a maior vítima do expansionismo norte-americano, pois perdeu parte considerável de seu território original. Inicialmente, os colonos norte-americanos estabelecidos no Texas declararam a independência deste, logo depois aceitando sua incorporação aos Estados Unidos. Os conflitos iniciados com a ocupação de colonos dos EUA em várias partes de território pertencente ao México chegaria ao fim somente em 1848, através do tratado de Guadalupe-Hidalgo, que estabelecia a fronteira entre México e Texas, além de ceder aos norte-americanos as atuais Califórnia, Arizona, Novo México, Nevada, Utah e parte do Colorado por meio de uma indenização de 15 milhões de dólares.

Guerra contra as nações indígenas - em sua marcha para o Oeste, expandindo o território dos EUA, era imprescindível aos colonos que "pacificassem" os povos indígenas estabelecidos ao longo de todos os novos territórios, ocupando suas terras efetivamente. Foram os povos indígenas aqueles que mais perderam com a filosofia do Destino Manifesto, sendo muitos deles exterminados, outros depararam-se com uma quase-extinção, outros acabaram assimilados aos dominadores.

33. **Segunda Guerra de Independência** - Os EUA declararam guerra à Grã-Bretanha em 18 de junho de 1812, uma decisão controversa, pressionada pelo presidente James Madison e pelos políticos belicistas – os “falcões” – partidários do expansionismo americano. Madison acreditava que poderia ocupar o Canadá, uma vez que os maiores recursos da Grã-Bretanha estavam comprometidos com a guerra na Europa contra Napoleão. De uma maneira geral, a Marinha dos EUA não chegava nem perto da poderosa Marinha Real britânica. No entanto, a principal força da Marinha Real participava do bloqueio aos portos franceses e não podia ceder navios para a guerra americana. O resultado selou também o destino de Tecumseh, líder da tribo shawnee que lutava ao lado dos britânicos. Em 1813, na batalha do Thames, os britânicos e os indígenas foram vencidos e Tecumseh foi morto. No Sul, um oficial americano destacou-se na luta contra os nativos: o coronel Andrew Jackson, comandante da milícia do Tennessee. Uma facção da tribo creek, conhecida como os Cajados Vermelhos, começara a lutar contra os EUA. Em 1814, a milícia de Jackson, apoiada por outros índios creek e cherokee, lançou uma campanha contra os Cajados Vermelhos, massacrando-os. Apesar dos êxitos, em 1814 a maré da guerra estava virando contra os EUA. Na Europa, Napoleão fora deposto em abril, o que liberou tropas e navios britânicos. Livres para atacar em qualquer ponto do litoral, os britânicos enviaram, em agosto de 1814, tropas recém-chegadas da Europa para assaltar Washington. Sob o comando do general Robert Ross, os britânicos expulsaram a milícia que defendia a cidade e queimaram prédios públicos. A guerra estimulou uma onda nacionalista nos EUA e no Canadá. O Star-spangled banner, escrito por Francis Scott Key durante o assalto a Baltimore, se tornaria o hino nacional americano. Disputas de fronteira entre EUA e Canadá foram resolvidas por acordos no decorrer do século XIX. A guerra propiciou liberdade para milhares de escravos negros que fugiram de seus donos americanos e se juntaram aos britânicos. Para os americanos nativos, porém, a guerra trouxe mais opressão. Andrew Jackson liderou ataques a indígenas e a escravos fugidos na Flórida, na Guerra Seminole, de 1817-1818. Os britânicos, segundo o tratado de paz, se comprometeram a parar com seus ataques contra navios mercantes americanos, e um período de paz, de expansão territorial, de isolacionismo e do fortalecimento da economia do país, seguiu-se.

34. **A “Trilha das Lágrimas”** A Trilha ou Caminho das Lágrimas foi o nome dado pelos nativos às viagens de recolocações e migrações forçadas, impostas pelo governo dos Estados Unidos da América às diversas tribos de índios que seriam reunidas no chamado "Território Indígena" (atual Estado de Oklahoma), consoante a política de remoção indígena. Os índios habitavam as regiões ao sul da União. Os nativos sofreram muito com as remoções e vários morreram durante as viagens e acampamentos forçados: estima-se que, da tribo Cherokee, de uma população de 15.000 vieram a falecer cerca de 4.000 índios. Centenas de escravos e afro-americanos libertos que viviam com os índios, acompanharam-nos nas remoções pela Trilha. Em 1830, as nações Cherokee, Chickasaw, Choctaw, Creek e Seminole, chamada por alguns de "As Cinco Tribos Civilizadas", viviam com autonomia política e deveriam ser considerados americanos do sul. O processo de "transformação cultural" proposto por George Washington e Henry Knox, já ocorria com muita força, principalmente entre os Cherokees e os Choctaw. Andrew Jackson foi o primeiro presidente americano a implementar uma mudança desse tipo com a aprovação da Lei de 1830, o "Indian Removal Act".

“Os nativos norte-americanos ainda controlavam grande parte da América do Norte em 1820. Mesmo ao leste do rio Mississippi, bem mais de 100 mil índios viviam em suas próprias terras. Destes, muitos ainda caçavam, pescavam e cultivavam milho, mas outros haviam adotado por completo os costumes dos brancos. Viajando pela Geórgia, você poderia conhecer um chefe indígena creek chamado não Little Turtle nem Wingina, mas William McIntosh. Seu pai era um comerciante escocês, sua mãe, uma creek. Embora McIntosh vestisse mocassim e calça indígena, ele usava camisa com rufo e gravata preta, como um branco usaria. Era dono de uma fazenda e de escravos que trabalhavam nela. Lutou ao lado de Andrew Jackson durante a Guerra de 1812, contra outros índios. Nenhum desses índios, independente de seu nome ou costume, tinha igual oportunidade na nova democracia. A própria fazenda de Andrew Jackson fora extraída de terras indígenas, e o próprio Jackson liderar a tomada dessas terras durante a

Guerra de 1812.(...) Como presidente, ele propôs que os índios remanescentes vivendo a leste do Mississippi se mudassem para as terras do outro lado do rio, onde hoje fica o estado de Oklahoma. Alguns índios pegaram em armas para resistir; foram contidos pela força militar. A nação cherokee, que tinha sua própria constituição escrita, tentou se proteger usando a lei norte-americana. Levou o Estado da Geórgia ao tribunal quando este a privou de seus direitos e de suas leis cherokees. Mas Jackson simplesmente ignorou a decisão da corte. Cerca de 15 mil índios foram forçados a sair de suas terras, alguns sob a mira de baioneta, e a marchar centenas de quilômetros por uma 'Trilha de Lágrimas'." James West Davidson, *Uma Breve História dos Estados Unidos*.

35. **Estrada de Ferro e Telégrafo.** Consequência da Revolução Industrial nos EUA, acompanharam a expansão territorial

36. **Samuel Slater.** O primeiro ramo da indústria a ser mecanizado foi o da fiação e tecelagem de algodão. Em 1767, o inventor inglês, James Hargreaves criou a **máquina de fiar**, construída em madeira, usada pela indústria rural e doméstica. Em 1769, Richard Arkwright criou o **tear hidráulico**, depois aperfeiçoado e usado na indústria têxtil. Nesse mesmo ano, James Watt cria a **máquina a vapor**. Foi o início da Revolução Inglesa. Operário das fábricas inglesas, Samuel Slater veio secretamente para os EUA em 1789 trazendo planos das máquinas novas (memorizados). Em Pawtucket, Rhode Island, ele montou o primeiro conjunto completo para fiar linha, segundo o plano Arkwright.

"Em 1800, 11 anos após a primeira fiação de Slater, havia apenas 8 fábricas de algodão em todo país (...) Principalmente porque podiam ser importados artigos mais baratos que os que eram fabricados no país; e também porque a agricultura e a construção de navios eram mais proveitosas que nunca. (...) Em 1793 estourou a Guerra entre a Inglaterra e a França, e logo todos os países da Europa estavam tomando parte na luta. (...) Enquanto as grandes nações comerciais estavam lutando entre si pelo direito de transporte ao redor do mundo, a América saiu carregando o osso pelo qual elas brigavam. (...) O transporte em navios americanos subiu espantosamente, de 202000 toneladas em 1789, para 1425000 toneladas em 1810 – e cada uma dessas toneladas tinha sido produzida pelos Estados Unidos. Era uma idade do ouro, mas terminou por volta de 1808. A Inglaterra dera ordens para que nenhum navio neutro pudesse comerciar com a França e seus aliados, e a França deu ordens para que nenhum navio neutro pudesse comerciar com a Inglaterra e seus aliados. Os navios americanos tentaram romper o bloqueio, mas isso era perigoso. Cerca de 1600 navios americanos foram capturados. Thomas Jefferson, então Presidente dos Estados Unidos, aconselhou o congresso a passar um Embargo, que era um plano para fazer tanto a Inglaterra como a França desistirem do bloqueio. (...) A Europa era privada dos gêneros americanos, mas ao mesmo tempo, os Estados Unidos ficaram privados dos gêneros europeus.(...) De 1808 a 1814 a importação de artigos manufaturados foi caindo cada vez mais. Agora, seria preciso aprender a fazer objetos na América mesmo. (...)

Pegaram o capital que tinham acumulado negociando e empregaram em fábricas e maquinarias (...) Foi neste período que o sistema de manufaturas em máquinas se estabeleceu nos Estados Unidos. Apareceu primeiro na Nova Inglaterra e nos Estados do Atlântico Central, porque aí os futuros industriais encontravam o material de que precisavam (...) a energia hidráulica estava à disposição nos rios pequenos e grandes, com suas inúmeras cataratas e forte correnteza. Nos rios que fluíam, podiam-se ver motores para as máquinas.(...)Baías boas para receber a matéria-prima e despachar os artigos prontos? Era o que não faltava na Nova Inglaterra e nos Estados do Atlântico Central. (...) Nessa mesma época, nessas regiões estavam sendo construídos canais, pontes e troncos de estradas, como nunca havia sido feito antes. (...) As maiores cidades da época ficavam na Nova Inglaterra e nos Estados do Atlântico Central. (...) Os que vieram depois naturalmente também iam para lá, principalmente quando começou a procura de carvão e ferro; pois ambos os materiais eram abundantes nessa região. Portanto, para Massachusetts, Novo Hampshire, Rhode Island e Connecticut é que foram as fábricas de lã e algodão, fábricas de armas de fogo, relógios de parede e de pulso, etc.; para Pensilvânia, Nova York, Nova Jersey foram os fornos para fabricação de ferro, as tecelagens de seda, as fábricas de sapatos, chapéus, pregos, botões e uma multidão de outras coisas. A Revolução Industrial tinha-se implantado na América. "(...) os rapazes da Nova Inglaterra emigram em grande quantidade para o oeste, deixando uma superpopulação de mulheres, cujo número nunca consegui saber...É bastante revelar que há mais mulheres que homens em 6 a 9 estados da União. (...) As mulheres foram atrás das rodas de fiar e dos teares, de casa para a fábrica; gradualmente entraram em outras indústrias também. Por volta de 1860

as mulheres trabalhavam em 100 ofícios diferentes (...) A “Voz da Indústria” de Lowell” de 2 de janeiro de 1846, queixava-se dos métodos usados por esses agentes. “Observando uma carroça preta, baixa e comprida passando pela rua, com um aspecto singular, perguntamos o que seria e fomos informados que era o que chamamos ‘transporte de escravos’. Essa carroça faz viagens regulares ao norte do estado, fazendo cruzeiros em Vermont e Novo Hampshire, com um ‘comandante’ cujo coração deve ser tão negro quanto seu tráfico, e que recebe 1 dólar por cabeça, sobre todos os que entrega no mercado, e mais um pouco em proporção à distância – se os traz de tão longe que não podem mais voltar com tanta facilidade. Isto feito ‘hasteando uma bandeira falsa’, e fazendo crer às moças que elas podem manejar mais máquinas do que é possível, que o trabalho é muito limpo, que o salário é tão alto que podem vestir seda e passar metade do tempo lendo.(...) os operários masculinos recebiam em média de 80 centavos a 1 dólar por dia, as operárias de 2 a 2 dólares e meio por semana. (Esses salários eram cerca de 1/3 a 1/2 mais altos dos que vigoravam na Inglaterra. Por volta de 1860 o noroeste dos Estados Unidos tinha se transformado no centro industrial dos Estados Unidos.” Leo Huberman, *História da Riqueza dos EUA (Nós o Povo)*

37. **Citação (bispo de Mead).** Fazer a leitura.

“Era possível transformar seres humanos em 3 a 4 milhões de escravos, sem distúrbios graves? Em alguns distritos do Sul havia mais negros que brancos. As vezes podia haver até 90% de negros para 10% de brancos. Em algumas plantações havia várias centenas de negros e apenas o capataz e um ou dois auxiliares (...) Havia muitas rebeliões, embora muitos livros de história americana não as mencionem. (...) Essas rebeliões não tinham êxito e os líderes eram eliminados com crueldade feroz. Os brancos do sul agiam prontamente quando os escravos ousavam desafiar sua supremacia. (...)” Leo Huberman, *História da Riqueza dos EUA (Nós o Povo)*

38. **Abolicionistas: Harriet Tubman e David Walker**

“A fronteira entre a escravidão e a Liberdade também podia ser cruzada do Norte para o Sul. Lembrem de como David Walker, o escravo livre de Boston, contrabandeou seus panfletos abolicionistas para o Sul nos casacos de marinheiros negros, instando os escravos a se rebelar? Outros abolicionistas se infiltraram em território de escravos para trazer fugitivos naquela que ficou conhecida como Underground Railroad (ferrovia subterrânea). Na verdade, não era uma estrada de ferro, e sim uma rede de pessoas que trabalhavam juntas e, secretamente, abrigavam escravos, orientando-os em sua fuga para o norte. Harriet Tubman, a mais famosa ‘condutora’ da ferrovia, havia trabalhado como escrava na extração de madeira, e por isso se sentia confortável no interior das florestas. Suas incríveis habilidades de atuação a salvaram de mais de um apuro. Às vezes ela carregava um par de galinhas que deixava escapar e perseguia quando precisava desviar a atenção para longe dos fugitivos” James West Davidson, *Uma Breve História dos Estados Unidos*.

39. **Lucretia Mott e Elizabeth Stanton (Declaração de Sentimentos)**

“Lucretia Mott viajou para Londres em 1840 como delegada da Convenção Mundial contra a Escravidão. Ela era uma quacre, e os quacres estiveram entre os primeiros a condenar a escravidão. Mott se recusava a usar roupas de algodão, a comer açúcar ou arroz e a usar qualquer outro produto produzido por trabalho escravo. Os homens contrários à escravidão em Londres disseram que as mulheres eram ‘ineptas’ para participar e ‘passaria ridículo’ na reunião. As delegadas foram forçadas a assistir aos procedimentos de uma seção especial separada por uma corda. Lá, Mott fez amizade com uma jovem da América, Elizabeth Cady Stanton. Stanton havia se apaixonado por um reformador contrário à escravidão e, quando seu pai desaprovou a união ela fugiu e se casou com ele mesmo assim. Uma mulher de pensamento independente, ela se alegrou ao ouvir Lucretia Mott dizer ‘que eu tinha o mesmo direito que Lutero e Calvino de pensar por mim mesma’. As duas mulheres voltaram à América ‘decididas a organizar uma convenção’ de outro tipo – desta vez, não contra a escravidão, mas pelos direitos das mulheres. Levou tempo, mas finalmente a convenção foi convocada em 1848 em Seneca Falls, outro vilarejo no Burned-Over District. Uma centena de mulheres e homens assinaram uma “Declaração de Sentimentos” que ecoou a Declaração original de Jefferson. ‘Consideramos estas verdades evidentes por si mesmas’, proclamava: ‘que todos os homens e mulheres são criados iguais (...)’.” James West Davidson, *Uma Breve História dos Estados Unidos*.

40. **Conflitos em Kansas Bleeding Kansas, Bloody Kansas** ou Guerra de Fronteira, foi uma série de violentos enfrentamentos políticos envolvendo grupos anti e pró-escravidão que ocorreram no então

território do Kansas e em cidades vizinhas ao Missouri, Estados Unidos, entre 1854 e 1861. O motivo do conflito foi a questão sobre se o Kansas entraria na União como um estado livre ou escravista. O termo *Bleeding Kansas* foi cunhado por Horace Greeley do jornal *New York Tribune*; esses eventos englobam um prenúncio da Guerra Civil Americana. Os eventos mais tarde conhecidos como *Bleeding Kansas* foi uma resposta ao movimento pela Ato de Kansas-Nebraska de 1854, que anulou o Compromisso do Missouri e procurava implementar o conceito de soberania popular. Os habitantes de cada território ou estado deviam decidir se seria um estado livre ou escravista, no entanto, isso resultou na imigração em massa para o Kansas de ativistas de ambos os lados. Em 29 de janeiro de 1861, o Kansas foi admitido à União como um estado livre, menos de três meses antes da Batalha de Fort Sumter, que iniciou a Guerra Civil nos Estados Unidos.

Sumner. Em 1856, Preston Brooks, um congressista da Carolina do Sul, atacou violentamente o senador de Massachusetts, Charles Sumner, no plenário do Senado dos Estados Unidos. Três dias antes, num discurso antiescravagista apaixonado, Sumner usara uma linguagem ofensiva. Em vez de desafiar Sumner a um duelo, Brooks o espancou com uma bengala. Foram três anos e meio até que Charles Sumner estivesse em condições de retornar ao Senado.

John Brow. Abolicionista convicto, ao longo da década de 1850, defendeu e praticou ações armadas com o objetivo de abolir a escravidão nos Estados Unidos da América. Liderou, em 1856, o Massacre de Pottawatomie (assassinato de 5 escravagistas) no Kansas. Sua fama veio, principalmente, em função da fracassada ação no ataque ao arsenal de Harpers Ferry (7 pessoas mortas e cerca de 10 feridas), quando acabou preso. Brown tentou iniciar, em 1859, um movimento de libertação entre os escravos de Harpers Ferry, uma cidade da Virgínia Ocidental, prendia distribuir as armas do arsenal federal aos escravos. O abolicionista acabou preso e julgado por traição ao Estado da Virgínia, pela morte de cinco sulistas defensores da escravidão e por incitar uma rebelião de escravos. Brown foi declarado culpado de todos os crimes e enforcado. Diferentemente de outros nortistas que defendiam uma resistência pacífica à escravidão, Brown apoiava ações violentas em resposta às agressões escravagistas do Sul dos EUA. A captura de Brown chamou a atenção da população norte-americana, basicamente em função do medo dos sulistas de que aquele fosse apenas o primeiro de muitos planos nortistas para acabar com a escravidão e ameaçar as próprias vidas dos habitantes daqueles estados. Ao longo do período, no entanto, os Republicanos do norte reafirmaram que esta ideia estava equivocada e que não haveria interferência no sistema escravista do sul dos EUA.

41. **Eleição de Lincoln.** *“Quando os opositoristas, ou o Partido Republicano, venceram a eleição em 1860, e Abraham Lincoln tornou-se presidente, os plantadores viram sua sentença em letras de fogo. Agora que tinham perdido também a força política, sentiram que não havia mais nada a fazer a não ser retirar-se da União. (...) Em Dezembro de 1860, a Carolina do Norte, e depois mais 10 outros estados da escravidão, declararam que não faziam mais parte dos Estados Unidos. Os representantes dos estados que se separavam reuniram-se e formaram os “Estados Confederados da América”. (...) O sul todo não se retirou da União. Os 4 Estados limítrofes, onde havia escravidão, e que eram o Delaware, Maryland, Kentucky e Missouri, como não tinham grande número de escravos, não plantavam algodão, ou plantavam muito pouco e pareciam-se tanto com o norte como com o sul, não queriam abandonar a União. Mesmo entre os Estados que se separaram, nem todas as pessoas queriam deixar a União. Os montanhese da Virgínia romperam com seu estado, e formaram um novo estado, chamado Virgínia do Oeste, continuando fiel à União. Nas cidades das regiões afastadas nas regiões montanhosas onde havia poucos escravos e pequenas fazendas, nos locais que sempre tinham feito oposição aos plantadores ricos, nesses lugares não havia simpatia pela secessão. O sul foi levado a deixar a União pelos proprietários de plantações, senhores de escravos e ricosos. (...)”* Leo Huberman, *História da Riqueza dos EUA (Nós o Povo)*

42. **Citação de Marx** – fazer a leitura

43. **Mapa da Guerra de Secessão.**

44. **Citação de Marx** – fazer a leitura

45. **A Batalha de Fort Sumter.** Bombardeio realizado entre 12 a 13 de abril de 1861 pelos exército dos Confederados para expulsar as tropas federais que ocupavam a fortificação de Fort Sumter (Carolina do Sul). Foi o estopim que desencadeou a Guerra Civil (1861-1865)

46. **Lincoln e McClellan** (imagens) “Ao contrário de George Washington, Lincoln tinha pouco preparo militar. Então procurou um general forte com habilidade e determinação para liderar. Sua primeira escolha foi Robert E. , um oficial aristocrático de Virgínia. Embora o próprio Lee possuísse escravos, ele tinha dúvidas sobre a escravidão e não estava seguro de que a secessão fosse legal. Ainda assim, ele não foi capaz de pegar em armas contra seu Estado natal, e por isso se uniu aos confederados.” A segunda opção de Lincoln foi George McClellan. “Segundo seu raciocínio, se os sulistas realmente quisessem voltar para a União, o exército não deveria pilhar suas fazendas para alimentar os soldados. E certamente não deveria libertar os escravos dos fazendeiros no sul. Lincoln concordou. (...)” McClellan demora a atacar e quando o faz, recua perante Robert Lee, no comando dos confederados. James West Davidson, *Uma Breve História dos Estados Unidos*

47. **Lincoln e a emancipação**

“A cautela de McClellan frustrou Lincoln, sobretudo porque o presidente estava começando a pensar que uma guerra limitada jamais poderia trazer vitória. Muitos republicanos estavam fazendo pressão para atacar imediatamente, como uma forma de vencer a guerra. Libertar os escravos seria mais do que um ato moral. Seria roubar mão de obra valiosa dos rebeldes, já que os afro-americanos eram mais de metade de todos os trabalhadores do Sul. Lincoln, ainda preocupado de perder os Estados escravocratas fronteiriços para a Confederação, tentou, or duas vezes, persuadir os parlamentares a aprovar uma lei que libertasse seus escravos aos poucos. (...) inclusive prometeu que o Congresso pagaria aos fazendeiros pela libertação de seus escravos. Mas os estados fronteiriços se recusaram a agir. Na noite de sua última reunião com os parlamentares, Lincoln saiu decidido a emitir uma proclamação. ‘Precisamos libertar os escravos, ou seremos nós os subjugados.’ (...) Sua Proclamação de Emancipação que entrou em vigor em 1º de janeiro de 1863, só libertou os escravos que viviam além das fronteiras, em território confederado. Isso significou, como reclamaram os críticos, que nenhum escravo foi liberado, exceto aqueles que a União não tinha poder para libertar. Mas as notícias da lei de Lincoln se espelharam como fogo. Milhares de escravos haviam libertado a si mesmos muito antes de a proclamação ser emitida.” James West Davidson, *Uma Breve História dos Estados Unidos*.

48. **Ulisses S Grant e Robert Lee.** O general da União, Grant, logrou êxito nas batalhas ocidentais da guerra durante 1862 e 1863. Depois que Lincoln o colocou no comando de todas as forças da União, ele perseguiu o general confederado Lee, em 1864 e 1865.

49. **A rendição de Appomatox.** Lee foi encurralado e se rendeu no vilarejo de Appomattox Courthouse

50. **Assassinato de Lincoln** “Em 14 de abril – Sexta-Feira Santa -, Lincoln assistia a uma peça no teatro Ford. O público aplaudiu quando ele e sua esposa Mary, apareceram em seu camarote, pois fazia apenas cinco dias que o general Lee se rendera. No meio do espetáculo, um simpatizante dos confederados e ator, John Wilkes Booth, se infiltrou no camarote do presidente e atirou na parte de trás da cabeça de Lincoln com uma pistola Derringer. Booth então pulou do camarote para o palco e fugiu por uma porta lateral. Ele finalmente foi perseguido até um depósito de tabaco na Virgínia, onde foi baleado e morto depois de se recusar a se render. Do teatro, o presidente foi levado às pressas para uma residência particular, mas a ferida foi fatal. Ele morreu às 7h22 da manhã seguinte.” James West Davidson, *Uma Breve História dos Estados Unidos*.

51. **Ku Klux Klan.** Nos tempos da escravidão, os senhores organizavam patrulhas para evitar que os escravos saíssem às escondidas durante a noite para caçar, visitar familiares em fazendas próximas ou fugir. Durante a Reconstrução, os libertos se apropriaram novamente da noite. Nas campanhas eleitorais, eles marchavam em desfiles políticos iluminados por tochas, exatamente como os brancos faziam. Freqüentavam reuniões à noite e visitavam amigos conforme sua vontade. Mas, ainda em 1866, alguns brancos organizaram grupos paramilitares para por um fim a essas liberdades. Um desses grupos, a Ku Klux Klan, usava vários disfarces, como lençóis brancos e capuzes que escondiam seu rosto. Nas rondas noturnas, eles tomavam as armas de cidadãos negros, invadiam reuniões políticas republicanas e inclusive assassinavam líderes políticos. No início, tais ataques enfureceram os habitantes do Norte. Em 1868 e novamente em 1872, o general Ulysses Grant foi eleito presidente, e ele conduziu tropas federais

para prender membros da Ku Klux Klan e outros que tentassem impor a 'supremacia branca'. James West Davidson, Uma Breve História dos Estados Unidos.

52. **Cronologia.** Uma rápida revisão dos principais acontecimentos. Os participantes receberão junto à apostila, uma cronologia mais completa para consulta.